Claude Laprade: um escultor provençal na Lisboa de Setecentos

Claude Laprade: A Provencal sculptor in the eighteenth century Lisbon

Sílvia Ferreira*

submissão/submission: 31/01/2015
aceitação/approval: 24/03/2015

RESUMO

O escultor de origem provençal Claude Laprade (c.1675-1738) ganhou lugar de destaque na história da arte portuguesa com a execução do túmulo pétreo do bispo D. Manuel de Moura Manuel. Localizado na capela da Vista Alegre, em Ílhavo, o monumento veicula a linguagem estética barroca romana, testemunhando as influências artísticas do seu autor. Apesar de ser um escultor divulgado desde os anos 50 do século XX, quando o investigador Ayres de Carvalho resgatou a sua obra ao esquecimento, Claude Laprade é, ainda, essencialmente, conhecido como o autor do túmulo da Capela da Vista Alegre. No entanto, a sua obra multifacetada, entre a qual se contam projetos e execução de retábulos, obra escultórica em madeira e pedra, nunca mereceu até hoje uma visão exegética de conjunto. Tendo por base os estudos dos que nos precederam e documentação inédita recentemente referenciada em arquivos portugueses (ANTT e AML), pretendemos com este texto uma visão global da sua obra.

* IHA - Instituto de História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/ Universidade Nova de Lisboa, Portugal.

Sílvia Maria Cabrita Nogueira Amaral da Silva Ferreira é doutora em História na especialidade de Arte, Património e Restauro pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa com o tema: A Talha Barroca de Lisboa (1670-1720). Os artistas e as obras. Membro integrado do Instituto de História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/ Universidade Nova de Lisboa, Portugal. Bolseira de pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BPD/101835/2014), com financiamento comparticipado pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do MEC. Os seus estudos centram-se no património de talha dourada de Lisboa e das áreas da sua influência. Tem participado em congressos, seminários e cursos livres, tanto em Portugal como no estrangeiro. Neste e noutros domínios é autora de diversas publicações.
Correio eletrónico: silvia.a.s.ferreira@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE

Provença / Lisboa / Barroco / Escultura / Pedra / Talha

ABSTRACT

Claude Laprade (c.1675- 1738), a Provencal sculptor, earned his place in the Portuguese history of art with the execution of the stone tomb of the bishop D. Manuel de Moura Manuel. Located in the chapel of Vista Alegre in Ílhavo, the monument conveys the Roman Baroque aesthetic language, witnessing the artistic influences of its author. Despite being a sculptor unveiled since the 50s of the twentieth century, when the researcher Ayres de Carvalho rescued his work from oblivion, Claude Laprade is still mainly known as the author of the Tomb of Vista Alegre´s chapel. However, his multifaceted work, between which we can include projects and execution of altarpieces and sculptural work in wood and stone, never deserved an exegetical overview. Based on studies of those who preceded us and unpublished documentation recently referenced in Portuguese archives (ANTT and AML) we intend with this paper a global vision of his work.

KEYWORDS

Provence / Lisbon / Baroque / Sculpture / Stone / Woodcarving

1. AS ORIGENS

O escultor de origem provençal Claude Laprade (c. 1675-1738), essencialmente conhecido por ser o autor do túmulo pétreo do bispo de Miranda do Douro, D. Manuel de Moura Manuel (1632-1699), situado na capela da Vista Alegre, em Ílhavo, é mencionado naquela que julgamos ser a primeira vez por D. José Barbosa:

> (…) havia mandado edificar o Bispo D. Manoel de Moura Manoel huma magnifica Ermida a Nossa Senhora da Penha de França, e para o tumulo, que na Capella môr havia ordenado, que se lhe lavrasse, foy trasladado o seu corpo no anno de 1706. Sobre a sepultura, que não tem Epitaphio, se vê a sua effigie revestida de Pontifical, obra premorosissima do famoso Escultor Claudio de Lapelada[1].

[1] BARBOSA, D. José - *Memórias do Collegio Real de S. Paulo da Universidade de Coimbra e dos seus collegiaes e porcionistas.* Lisboa: Officina de António José da Sylva, 1727. p. 402.

Esta referência, datada de 1727, poucos anos volvidos sobre a execução da obra que deverá ter ficado pronta em finais de 1699, dá-nos conta do estatuto de Claude Laprade nos anos vinte da centúria de Setecentos. Depois desta data, várias foram as menções ao escultor, compondo-se o leque da sua biografia artística em Portugal.

Sobre a nacionalidade de Claude Laprade, os dados mais diretos que possuímos são aqueles que o próprio fornece nos documentos em que intervém diretamente, a saber, uma procuração passada a um mestre carpinteiro residente na quinta da Vista Alegre em Ílhavo[2] e a licença matrimonial requerida em 1703 quando pretende casar com a futura mulher Joana Gaubert[3]. Tanto na procuração como na licença matrimonial, Claude Laprade refere que é natural de Avignon, ao tempo integrada no estado romano. Neste último documento especifica que foi batizado na Igreja de Saint Agricol da mesma cidade. Declara-se filho de André de Laprade e de Maria Dragul, afirma ter 28 anos e ser morador na freguesia do Sacramento, em Lisboa, desde há 15 anos.

Dezembro de 1703

Diz Claudio de LaPrada natural da cidade de Avinhan estado Romano baptizado na Igreja de Santo Agricol da dita cidade de Avinhan filho de Andre de LaPrade, e de Maria Dragul, e morador nesta cidade freguesia do Sacramento que elle esta comtratado para cazar com Joanna Gaubert natural da Vila de Ciotat e baptizada na Igreja de Sam Pedro da mesma vila Provincia de França filha de Esteuam Gaubert e de Magdalena Esteuene para cujo effeeito = querem justificar serem solteyros e liures nos dittos seus naturaes como he Estillo observado neste Arcebispado e porque requerendo ao Reverendo Doutor Provizor dos cazamentos lhes não defferio (…)

Aos vinte e dous dias do mes de Dezembro de mil setecentos e tres anos nesta cidade de Lisboa no escritório da Camara Bernardo de Castanheda enquiridor comigo escriuão da camara fizemos a justificação seguinte Manoel Moniz da Rocha o escreuy

Depoimento da contraente

Jurou sobre os Santos Euangelhos Joanna Gauberta natural da freguesia de São Pedro da cidade de Ciotat reino de França filha de Esteuão Guaberta e de Magdalena Esteuene da idade de dezouto anos e he moradora na freguesia de São Paulo desta cidade aonde está assistente ha noue anos E para casar com Claudio de la Prade com quem está contratada depõem de sua livre vontade e he solteira e livre asim no seu natural como nesta cidade não foi cazada jurada nem comprometida com outro homem nem fez voto algum e asinou o inquiridor Manoel Moniz da Rocha o escreuy (…)

[2] Arquivo da Universidade de Coimbra (AUC), - *Livro de notas do Tabelião Pantaleão Cordeiro de 16 de Junho de 1699 a 2 de Fevereiro de 1700.* f. 80-80 v. Documento citado por LOPES, José Maria da Silva - *Claude de Laprade e o túmulo da Vista Alegre.* Lisboa: Universidade, 2001. p. 114-115. Tese de mestrado em Teorias da Arte apresentada à Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

[3] Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Câmara Eclesiástica de Lisboa. *Sumários Matrimoniais, maço 1*, 1703, sn. f. Citado por LOPES, José Maria da Silva - *op. cit.* Transcrição nossa.

Depoimento do contraente

Jurou sobre os Santos Evangelhos Claudio de la Prade natural da freguesia de Santo Agricol da cidade de Avinhão estado de Roma filho de Andre de la Prade e de Maria Dragul da idade de vinte e outo anos e he morador na freguesia do Sacramento aonde asiste ha quinze anos e para casar com Joanna Gauberta com quem está contratado depõem de sua livre vontade e he solteiro e livren asim no seu natural como nesta cidade não foi cazado jurado nem comprometido com outra molher nam fez voto algum e asinou o inquiridor Manoel Moniz da Rocha escreuy

Claudio de Laparade[4]

Os noivos apresentam como testemunhas duas pessoas suas conhecidas: Clara Joya mulher de Jacques Fazdeles Condestável, moradora aos Remolares, que diz conhecer os noivos dos seus locais de origem e em Portugal, e António Cebola, soldado de Sua Majestade, morador a São Paulo. Testemunham também os párocos das freguesias de ambos os noivos em como não conhecem impedimento algum para a realização do casamento.

Hoje admite-se como verdadeira a sua origem provençal, mais concretamente da cidade papal de Avignon. No entanto, quando se pretende aprofundar e conhecer melhor os contornos exatos da sua origem e filiação, concluímos que as informações prestadas pelo artista parecem não corresponder inteiramente à verdade. Ao compulsarmos os arquivos paroquiais online da igreja paroquial de Saint Agricol, na cidade de Avignon, damo--nos conta que não existe nenhum registo de batismo de uma criança de nome Claude Laprade, cujos pais se chamariam, respetivamente, Andre de Laprade e Maria Dragul. Semelhante procedimento efetuado em registos notariais de outras igrejas paroquiais de Avignon obteve resultados idênticos[5].

É bem verdade que Ayres de Carvalho, ao tentar desvendar as origens geográficas exatas do escultor, bem como a sua filiação, quis ver num assento de batismo da igreja paroquial de Isle-sur-la-Sorge[6], de uma criança de nome Claude Jozeph Courrat Laprade, a prova do nascimento e batismo do escultor emigrado em Portugal. No entanto, a assunção de que este assento de batismo identifica o escultor Claude de Laprade levanta-nos sérias dúvidas. Desde logo, a data de batismo (22 de novembro de 1682) coloca um problema de monta. Sabe-se que Claude Laprade esculpiu o túmulo do bispo D. Manuel de Moura Manuel cerca de 1699-1700; logo, segundo este assento

[4] Cf. nota 3.

[5] AVIGNON. Archives Municipales - *Registres paroissiaux* [Em linha]. Avignon: AM, [200-]. [Consult. 12.01.2015]. Disponível na Internet: http://archives.avignon.fr/.

[6] Este registo de batismo referido por Ayres de Carvalho na obra Novas revelações para a história do Barroco em Portugal. II- O mestre das grandiosas máquinas douradas da Lisboa Setecentista: o artista Claude de Laprade (1682-1738). *Belas-Artes.* Lisboa. N.º 20 (1964), p. 25, sem nunca fornecer a fonte, foi depois investigado por José Maria da Silva Lopes na sua dissertação de Mestrado. Este autor identificou o assento de batismo referido por Ayres de Carvalho e aceitou a tese de que a criança batizada em 22 de novembro de 1682 seria o mesmo Claude Laprade que emigrou para Portugal. Cf. Archives Départamentales de Vaucluse - Isle-sur-la-Sorgue, *Naissances*, 1674-1726. Batismo de Claudius Josephus Courrat, cit. por LOPES, José Maria da Silva - *op. cit.*, p. 119.

de batismo, teria de ter 17 anos de idade à data da execução do monumento fúnebre, o que não se compagina com a qualidade da obra em questão.

O registo do batismo de Claude Joseph Courrat é o seguinte: "Claudius Josephus Courrat D. [Domini] Joseffi et I.mae Antoniae Laprade cujus baptizatus fuit die Novembris vigesima secunda patrinius D. Claudius Courrat matrina I.mae Francisca (...)"[7].

As informações sobre a vida de Claude Laprade parecem perder-se numa nebulosa de contradições, até hoje difíceis de desvelar. Quando pede permissão à Câmara Eclesiástica para casar com Joana Gaubert, afirma ter 28 anos de idade e viver em Lisboa há 15. A serem verídicas estas informações, o artista teria de viver na capital desde os 13 anos de idade, facto que inevitavelmente levanta outras tantas questões e perplexidades: Onde terá Claude Laprade aprendido o seu ofício? Quem terão sido os seus mestres? Quando, como e em que circunstâncias veio para Portugal? As contradições que estas informações encerram, contudo, não interferem no facto de que esteve efetivamente em Ílhavo e em Coimbra, quer em 1699 a esculpir o túmulo de D. Manuel de Moura Manuel, quer a trabalhar para a Universidade de 1700 a 1702[8]. Que as obras que Laprade esculpiu em pedra para estes dois locais patenteiam as coordenadas estilísticas da escultura provençal barroca é um facto indesmentível, como teremos oportunidade de adiante confirmar.

2. A OBRA PÉTREA

A mais relevante obra de Claude Laprade em material pétreo é indubitavelmente o monumento fúnebre de D. Manuel de Moura Manuel, bispo de Miranda do Douro, situado na capela da Vista Alegre, em Ílhavo[9].

O conjunto artístico da capela é composto ainda pelo ossuário da mãe do bispo de Miranda, dois altares em talha dourada, painéis de azulejo da autoria do ceramista Gabriel del Barco (1648-1701?)[10] e uma árvore de Jessé pintada no teto da nave.

[7] Citado por LOPES, José Maria da Silva - *op. cit.,* p. 119. Este assento de batismo pode ser consultado em VAUCLUSE. Archives Départementales - *Registres paroissiaux et d´état civil* [Em linha]. Vaucluse: AD, [200-]. [Consult. 29.01.2015]. Disponível na Internet: http://e-archives.vaucluse.fr/. Tanto na cópia disponibilizada na tese de mestrado de José Maria da Silva Lopes, como na cópia digitalizada online não é possível fazer uma leitura integral do documento, pelo desgaste que o mesmo apresenta.

[8] Cf. os documentos referidos por CORREIA, Virgílio – *Obras.* Coimbra: Universidade, 1946. vol. I.

[9] Sobre o túmulo de D. Manuel de Moura Manuel, vejam-se os seguintes autores: XAVIER, Pedro - *A iconografia funerária no Barroco e o túmulo do Bispo de Miranda na capela da Vista Alegre.* Lisboa: [s.n.], 1990. Dissertação de mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e LOPES, José Maria da Silva - *op. cit.*

[10] Acerca deste artista cf. MECO, José - O pintor de azulejos Gabriel del Barco. *História e Sociedade*. Lisboa. Nº 6 (1979), p. 58-67 e CARVALHO, Rosário - Gabriel del Barco: la influencia de un pintor español en la azulejería portuguesa (1669-1701). *Archivo Español de Arte.* Madrid. LXXXIV 335 (2011), p. 227-244.



Figura 1. Pormenor do Túmulo do Bispo de Miranda do Douro. Autor Claude Laprade. Capela de Nossa Senhora da Penha de França. Ílhavo. Foto da autora.

A singularidade deste túmulo esculpido pelo artista provençal alicerça-se na sua feição essencialmente escultórica, tão distinta da prática comum observada nas obras tumulares portuguesas suas contemporâneas. De facto, habitualmente a tumulária nacional maneirista e barroca não incluía figuração escultórica como componente decorativa e iconográfica do monumento. A concessão feita ao efeito cenográfico passava bastas vezes pela inclusão simbólica das figuras de elefantes ou leões como elementos de suporte da arca tumular[11]. Os locais onde podemos encontrar idênticos modelos situam-se fora de Portugal, mais concretamente em França e em Roma. Em França destacam-se o túmulo de Louis Phélypeaux de la Vrillière (1598-1681), conselheiro de Estado do rei Luís XIII, localizado na igreja de Saint-Martial em Châteauxneuf-sur-Loire, o de Gaspard du Laurens (1567-1630), arcebispo de Arles, situado na igreja de Saint-Trophime em Arles e o de Laurent Buti (1634-1710), bispo de Carpentras, localizado na igreja de Saint Siffrien, ao qual nos referiremos adiante com mais detalhe. Em Roma, o celebre túmulo do papa Alexandre VII na basílica de São Pedro do Vaticano é outro exemplo a considerar. Segundo Ayres de Carvalho, o modelo do túmulo de D. Manuel de Moura Manuel inspira-se diretamente naquele que o escultor provençal Jean Péru (1650-1729) esculpiu em 1688 para a última morada do Abade Gaspard Simiane La Coste (1607-1649)[12], monumento hoje conhecido apenas por descrições, dada a sua destruição aquando da

[11] Sobre o tema da tumulária portuguesa maneirista e barroca veja-se de VALE, Teresa Leonor M. - A figuração do indivíduo na tumulária portuguesa do Maneirismo e do Barroco (séculos XVI-XVIII). *Artis - Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa.* Lisboa. Nº 4 (2005), p. 271-291, Idem - A tumulária régia da igreja do Mosteiro de Santa Maria de Belém e a tumulária da capela dos Castros do convento de S. Domingos de Benfica: uma análise paralela. *Lusíada. Arqueologia, História da Arte e Património.* Lisboa. Série 1 Nº 1(2001), p. 113-129.

[12] Cf. CARVALHO Ayres de - Novas revelações (…), p. 27-28.



Figura 2. Pormenor do Túmulo do Bispo de Miranda do Douro. Autor Claude Laprade. Capela de Nossa Senhora da Penha de França. Ílhavo. Foto da autora.

Revolução Francesa[13]: "On y voyait en haute en ange sonnant de la trompette, avec ses mots sour une cartouche: *surgit morteis et venite ad judicium* et au dessous, l´abbé de la Coste, couché dans une attitude décent et noble, qui lève la tête épouvanté"[14].

Segundo julgamos saber pela documentação disponível, o túmulo do bispo de Miranda terá sido o primeiro grande trabalho escultórico de Claude Laprade em solo português. Assim sendo, e em face da grandiosidade, qualidade e modelo do monumento, devemos colocar a questão de quais terão sido as reais influências da sua Provença natal. A admitirmos como verdadeira a sua origem, torna-se imperiosa a compreensão da produção escultórica pétrea e em madeira, levada a cabo pelos artistas dessa região francesa.

Um dado que até agora não tem suscitado o interesse devido é o facto de Claude Laprade ser apontado como escultor em madeira, já ao tempo da execução do túmulo de D. Manuel de Moura Manuel. O autor das

[13] BRETON, Alain - À Saint-Martial: deux oeuvres baroques méconnues: le tombeau de l'abbé de Lacoste - les bâtiments modernes de Saint-Martial. *Annuaire de la Société des Amis du Palais des Papes.* Avignon: [s.n]. Vol. 71-72 (1984-1985), p. 67-85.

[14] Bibliothèque Municipale d´Avignon: livrée Ceccano – Descrição do túmulo do Abade Simiane de La Coste por Esprit Calvet. *Miscelânea de documentos do século XVIII. Manuscrito n.º 2348,* p. 379, cit. por LOPES, José Maria da Silva - *op. cit.*, p. 174. A mesma informação encontra-se publicada e disponível em *Répertoire des Travaux de la Société de Statistique de Marseille par une Commission Spécial.* Marseille: Impremerie de Carnaud Fils, 1837. p. 317.

Memorias Paroquiais de Ílhavo, o pároco João Martins dos Santos[15], ao descrever a obra da capela da Vista Alegre, informa-nos:

> (…) duas torres huma de cada Lado, que acompanham a Igreja, e sahidas algum tanto para fora servem, de alguma forma, de Resguardo à porta principal, e principalmente a huma prodigiosa agigantada Imagem de pedra de N. Senhora de Penha de França, Soberana fachada deste Templo primorosamente elaborada pelo famozo escultor Laprada (outro Miguel Angelo) bem Conhecido deste Reyno; do qual são outra mais Imagens, e effigies assim de pedra como de pau que no interior do Templo se admiram e veneram (…) huma prodigiosa Imagem de um santo Christo, obra do insigne Laprada[16].

Ancorados nos estudos levados a cabo pelos autores que se dedicaram à investigação sobre os escultores do barroco provençal, reconhecemos que foram certamente determinantes na sua aprendizagem nomes como Jean Péru[17], Jacques Bernus (1650-1728)[18] e o mais conceituado e operativo de todos, Pierre Puget (1620-1694)[19].

Tendo presente a obra destes escultores, disseminada por igrejas e museus em Marselha, Avignon, Toulon, Aix-en-Provence e mesmo em localidades de menor dimensão, como é o caso de Isle-sur-la-Sorge, reconhecemos fortes semelhanças entre a produção escultórica de Laprade e muitas das esculturas observadas nos locais acima referidos, quer entre aquelas que a documentação comprova taxativamente, quer naquelas que são atribuídas com base em comparação estilística. Esse "ar de família" que percorre ambas as produções – a Provençal e a de Claude Laprade, em Portugal – é inegável.

De entre as várias composições escultóricas visionadas, escolhemos salientar aquelas que pensamos serem as mais representativas das semelhanças entre as duas produções. Neste sentido, a escultura pétrea da Virgem com o Menino, situada na fachada da igreja de Saint Pierre em Avignon, atribuída a Jean Péru, ou as esculturas das Virtudes teologais e cardiais, esculpidas por este mesmo artista para pontuarem nos arcos das capelas da nave da igreja de Notre-Dame-des-Anges na localidade de Isle-sur-la-Sorgue[20], afiguram-se como exemplos

[15] Cf. Arquivo Nacional da Torre do Tombo - *Memorias Paroquiais de 1758- freguesia de Ílhavo, vol. 18. Memória n.º 17.* Manuscrito de João Martins dos Santos.

[16] Cf. Idem, *ibidem.* f. 117 e 119, respetivamente. Citado por LOPES, José Maria da Silva - *op. cit.,* p. 15.

[17] Sobre este escultor veja-se MARCEL, Adrien - Les Péru: sculpteurs et architectes d´Avignon. *Mémoires de l´Academie de Vauclusse.* Avignon: [s.n]. 2.ª Série T XVIII (1928), p. 1-157, GIRARD, Joseph – *Évocation du vieil Avignon.* Paris: Les Éditions de Minuit, 1958, principalmente a terceira parte da obra, a qual o autor dedica às igrejas, museus e edifícios monumentais dessa cidade.

[18] BARJAVEL, Casimir-François - *Dictionnaire historique, biographique et bibliographique du département de Vaucluse.* Carpentras: Imprimerie de L. Devillario, 1841. tomo I, p. 184-190, REQUIN, l'Abbé Henri - *Jacques Bernus: sa vie, son oeuvre: 1650 - 1728*. Vaucluse: Séguin Frères, 1855.

[19] LAURENT, Stéphane - Pierre Puget, une unité de l'art "obligée" à l'âge classique. *Revista de História da Arte e Arqueologia.* São Paulo: [s.n]. N.º 9 (2008-2009) p. 51-68, HERDING, Klaus – Puget Sculpteur, Puget Dessinateur. In VIAL, Marie Paule (coord.) – *Pierre Puget: peintre sculpteur architecte (1620-1694).* Marseille: Musées de Marseille/Réunion des Musées Nationaux, 1995. p. 88-169, BAUMANN, Émile - *Pierre Puget, sculpteur.* Paris: Les Editions de l'Ecole, 1949.

[20] Cf. O contrato de Jean Péru para execução da obra de escultura e decoração geral da igreja de Notre-Dame-des-Anges de Isle-sur-la-Sorgue. Fonds Moreau. E. Notaires, *Jean Moricelly,* 1688, f. 200-203. Cit. por LOPES, José Maria da Silva – *op. cit.,* p. 174. Sobre a história e arte desta igreja cf. GUIGUE, Julien – *L'église de l´Isle-sur-Sorgue*. Avignon: Impremerie Ruillière Frères, 1944.



Figura 3. Virgem com o Menino. Atribuída a Jean Péru. Fachada da Igreja de Saint Pierre. Avignon. Foto da autora

paradigmáticos. De facto, as figuras das Virtudes, colocadas aos pares em arcos e que mimetizam os modelos barrocos romanos que se visionam em inúmeras igrejas de Roma, lembram as figuras femininas esculpidas por Laprade. Tendo presentes as esculturas pétreas representando a Justiça, a Medicina ou a Teologia, que o autor esculpiu para figurarem nas salas de aula da Universidade, encimando as cátedras dos respetivos professores das disciplinas, e as figuras que compõem o monumento pétreo da Via Latina, hoje dedicado a D. José I (1714-1777), a Fortaleza e a Justiça, constatamos melhor as similitudes.

Nesta igreja provençal destaca-se, ainda, uma escultura pétrea figurando Maria Madalena, reclinada, na qual o tratamento dos cabelos, da forma e posicionamento das mãos, e da face, lembra as estátuas de Laprade, assimilando diretamente o modelo que Gianlorenzo Bernini (1598-1680) esculpiu representando a Beata Ludovica Albertoni, na igreja de San Francesco a Ripa, em Roma.

Outra obra relevante neste contexto de influências e similitudes é a do túmulo de Laurent Buti, bispo de Carpentras, localizado na catedral da mesma cidade, da autoria do escultor Jacques Bernus. Neste monumento fúnebre reconhecemos a figura alegórica do Tempo, numa alusão de gosto barroco à inexorabilidade da morte, personagem igualmente utilizada por Claude Laprade no túmulo do bispo de Miranda do Douro[21].

O trabalho escultórico que Laprade executou para a Universidade de Coimbra e para a capela da Vista Alegre, que não se cifrou apenas na feitura do túmulo do bispo, mas alargou-se ao monumento fúnebre da mãe, à imagem de Nossa Senhora da Penha de França, na fachada da capela, e ao Cristo de madeira destinado à sacristia, terá decorrido entre os anos de 1699 e 1702. Em finais de 1699, a Universidade de Coimbra comprava pedraria *para as feguras dos gerais* e, entre esta data e 1702, são contínuos os pagamentos a Laprade pelas obras das estátuas para as salas, para o pórtico e, finalmente, para pagamento dos remates das portas das aulas[22].



Figura 4. Fortaleza e Justiça. Pórtico da Via Latina da Universidade de Coimbra. Autor Claude Laprade. Foto da autora

[21] Sobre a figura do Tempo e seu significado na tumulária barroca, veja-se XAVIER, Pedro Amaral - *A morte: símbolos e alegorias.* Lisboa: Livros Horizonte. 2001. p. 98-103.

[22] Cf. CORREIA, Virgílio - *op. cit.,* p. 146-151. Por toda a Provença se pode constatar o gosto pela ornamentação das sobreportas com peças escultóricas pétreas. Sobre o assunto veja-se: BÉRUTTI, André – Les portes de la "basse ville". In MEYRUCIS, Jean-Paul; BÉRUIT, André (coord.) - *Toulon et son patrimoine: portes et façades, corderie et front de mer.* Gémenos: Autres Temps-Académie du Var, 2008. p. 67-93.

Pela obra dos escultores provençais mencionados perpassa a influência da arte barroca italiana de Seiscentos, quer romana, quer genovesa – esta última pela proximidade geográfica e pelos contactos mantidos. No entanto, podemos distinguir uma visão estética muito própria destes artistas e que enforma as suas produções. Uma realidade muito interessante no percurso destes escultores foi a sua polivalência, comprovada no trabalho escultórico dos vários materiais. Escultores como Jacques Bernus, Pierre Puget ou Jean Péru trabalharam em pedra, madeira e mesmo estuques. Um bom exemplo desta polivalência é o trabalho que Jacques Bernus efetuou para a igreja de Saint-Siffrein de Carpentras. Tendo como encomendador o bispo Laurent Buti, Bernus decorou o coro alto da igreja, executou o altar-mor composto de sacrário com uma glória de anjos em talha dourada, um relicário e, ainda, o túmulo pétreo do bispo Buti.

Outro dos escultores da Provença, Pierre Puget, o mais profícuo e afamado entre os seus pares, teve a sua formação enriquecida com idas a Génova e a Roma, onde pôde aperfeiçoar a sua técnica e destreza artística. Puget foi um artista completo. Desenhava, pintava e esculpia em madeira e em pedra, não se limitando a executar obras pétreas de grande valor escultórico, mas diversificando a sua atividade, chegando a desenhar os motivos decorativos da popa e da proa dos navios da armada francesa. No Museu Marítimo de Toulon guardam-se ainda as memórias dos seus trabalhos. Esta versatilidade de Puget observamo-la, em menor escala, como é evidente, em Claude Laprade que, como demonstraremos, também diversificou a sua carreira artística enquanto escultor e desenhador, articulando-a nos múltiplos planos possíveis à época.

Cremos que o momento das realizações escultóricas da Vista Alegre e da Universidade de Coimbra revelou-se decisivo na carreira de Laprade. Foi a época em que pôde demonstrar as suas verdadeiras capacidades como escultor, não só de pedra, mas também de madeira, trabalhando para uma clientela exigente e de elite.

O ano de 1703 deverá ter marcado uma viragem na vida e na carreira de Claude Laprade. Nessa data encontramo-lo a contrair matrimónio, em Lisboa, com a sua compatriota Joana Gaubert e, a partir deste momento, não se conhece mais produção escultórica pétrea da sua autoria.

3. OS ANOS DA MADEIRA

Iniciam-se os anos da madeira. Embora não tenhamos dados que expliquem cabalmente esta fixação na arte da escultura e entalhe em material lígneo, o facto é que a mudança definitiva para Lisboa parece ter condicionado esta opção. Possivelmente, as encomendas em pedra escassearam e Laprade adaptou-se às exigências de um mercado mais habituado a conviver com as obras em madeira, mormente as de talha e escultura que recheavam as igrejas da capital e arredores.

No entanto, a sua fama como estatuário persistiu e vingou para além do Mondego, razão pela qual a primeira encomenda documentada que lhe é comissionada em Lisboa é destinada à sacristia da igreja dos padres agostinhos de Nossa Senhora da Graça.



Figura 5. Túmulo de Laurent Buti. Igreja de Saint-Siffrein de Carpentras. Provença. Autor Jacques Bernus. Foto da autora.

Estava-se em 1710 e D. frei António Botado (1651-1715), bispo de Hipona e religioso do convento dos agostinhos da Graça, irmão de Mendo de Fóios Pereira (1643-1708), secretário de Estado de D. Pedro II (1648-1706), encomenda-lhe a execução de noventa e dois bustos de santos e sete braços relicários para serem colocados na recém-reformada sacristia[23] com a intenção de enriquecer e tornar magnificente o espaço onde o seu irmão se encontrava sepultado num magnífico túmulo[24].

Atualmente, dos noventa e dois bustos e onze braços relicários, apenas subsistem onze bustos e dois braços.

[23] Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa. Convento dos Agostinhos da Graça. *Livro do Recibo e Gasto do Santuario da Sancristia de Nossa Senhora da Graça.* 1710, f. 31-32. Documento gentilmente cedido pelo Professor Vítor Serrão.

[24] Cf. VALE, Teresa Leonor M. - *Escultura italiana em Portugal no século XVII.* Lisboa: Caleidoscópio, 2004. p. 207.



Figura 6. Busto de um Santo. Coleção do Patriarcado de Lisboa. Autor Claude Laprade. Foto da autora

O terramoto de 1 de novembro de 1755 teve um efeito devastador na igreja e em todo o complexo arquitetónico do mosteiro dos agostinhos. Parte da explicação para o desaparecimento da maioria das peças esculpidas por Laprade poderá residir nesse facto, mas não nos podemos esquecer também da lei liberal de 1834, que ordenou a extinção das ordens religiosas, e do sentimento anticlerical de inícios do século XIX, que teve a sua expressão máxima na lei da separação das Igrejas e do Estado.

Das onze existências que hoje se contabilizam, oito bustos estão ainda colocados em vitrines na parede fundeira da sacristia em posição frontal ao túmulo de Mendo de Fóios Pereira. Três bustos conservam-se nas coleções do Patriarcado de Lisboa e a sua visualização permitiu-nos comprovar que de facto são de material lígneo, prateados – como aliás é referido na documentação de encomenda, sendo que dois deles terão sofrido intervenções de conservação e restauro em anos recentes. As peças que tivemos oportunidade de observar denotam grandes semelhanças entre si, quer na modelação facial, na qual bocas e narizes se apresentam muito idênticos, quer no

trato geral do resto da anatomia e vestes. Resta salientar que os bustos observados patenteiam grandes afinidades com as esculturas em madeira executadas por Laprade, como são por exemplo, o S. Pedro e o S. João Evangelista da catedral de Viseu ou ainda a escultura do Senhor Morto da igreja da Misericórdia da Chamusca.

Depois desta intervenção documentada na sacristia da igreja do convento da Graça de Lisboa, só voltamos a ter notícia do labor de Claude Laprade cinco anos depois, quando é referenciado a trabalhar na grande empreitada do altar-mor da igreja de Nossa Senhora da Pena, em Lisboa[25].

Embora a documentação da irmandade do Santíssimo Sacramento, encomendadora do referido altar-mor, seja bastante exaustiva no que se refere à discriminação de gastos com a obra, não especifica a tarefa de cada entalhador e escultor. Sabe-se que nesta obra trabalharam Domingos da Costa Silva e Claude Laprade, reconhecidos escultores, entre muitos outros mestres entalhadores, mas as atribuições de cada um permanecem uma incógnita, exceto que Domingos da Costa elaborou o altar colateral e uma imagem de Nossa Senhora da Soledade[26]. No entanto, quer pelas somas substancialmente elevadas que recebe em relação aos seus colegas, quer pelos dias de trabalho efetuados, ou ainda pela sua fama como escultor, os atlantes do retábulo da igreja de Nossa Senhora da Pena têm sido atribuídos a Laprade[27], facto nunca contestado pelos historiadores da arte.

Foram exatamente estes atlantes que contribuíram para afirmar na historiografia de arte portuguesa o nome de Laprade como exímio escultor em madeira. Aliás, este motivo não era estranho ao artista, pois semelhantes figuras masculinas de suporte são observadas no monumento pétreo a D. Pedro II, esculpido na Via Latina da Universidade de Coimbra. Com a revelação feita por Ayres de Carvalho, com base na documentação disponível, de que este escultor seria natural de Avignon, na Provença, as comparações com as figuras de atlantes que pontuam nos monumentos da região foram incontornáveis. De facto, quer em Toulon, quer em Aix-en-Provence, o uso destas figuras como animadoras das fachadas de edifícios é recorrente. Atente-se nos emblemáticos atlantes esculpidos por Pierre Puget para figurarem na entrada principal do *Hôtel de Ville* em Toulon e ainda aqueles em Aix-en-Provence, ladeando a porta do *Hôtel de Espagne* na Rua Mirabeau ou aqueles que pontuam na entrada do *Pavillon Vendôme*[28]. Todas estas figurações de atlantes, com as suas inevitáveis diferenças estéticas podem ser interpretadas como influências artísticas na obra de Laprade.

[25] Cf. CARVALHO, Ayres de – Novas revelações (…). p. 41-45, GUIMARÃES, Carlos Alberto - *Tribuna da capela-mor da Igreja da Pena: documentos para a sua história.* Lisboa: Edições Documenta: Igreja da Pena, 1968. p. 31-48.

[26] *Despeza que fes o mesmo Thezoureiro João da Costa com as obras da Igreja: Despendeo com o retabolo que se fes para o nouo Altar colatral (sic) aonde esta o Santo Christo cuja obra fes o Mestre Domingos da Costa por cento e sinco mil reis.* Arquivo Paroquial da igreja de Nossa Senhora da Pena de Lisboa, (APINSPL), Livro da Despeza da Irmandade (1711) *Livro 29,* f. 41 e ainda *Dispendeu com o Mestre Entalhador Domingos da Costa do resto do feitio de huma imagem de Nossa Senhora da Soledade -1.670. Idem, ibidem,* f. 52.

[27] Cf. CARVALHO, Ayres de – Novas revelações (…). p. 26.

[28] Cf. BOURGUET-VIC, Monique – Les atlantes de Puget. In MEYRUCIS, Jean-Paul; BÉRUIT, André (coord.) - *op. cit.,* p. 219-234.

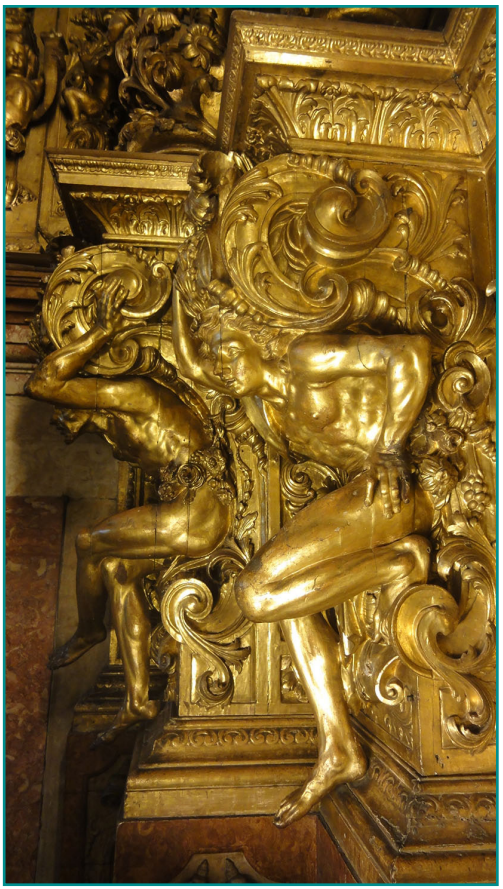




Figura 7. Atlantes no altar-mor da igreja de Nossa Senhora da Pena, em Lisboa. Autor Claude Laprade. Foto da autora.

Figura 8. Atlantes do Hôtel d´Espagne. Rue Mirabeau. Aix-en-Provence. Foto da autora.

Terão de decorrer cerca de dois anos até termos de novo notícias do labor do escultor. Estava-se em 1717 e a irmandade da Misericórdia da vila de Chamusca contrata com Laprade a execução de várias imagens para a sua igreja, a saber: uma do Senhor dos Passos, uma de Nossa Senhora da Soledade, ambas de roca, e um grupo escultórico figurando Cristo morto e duas imagens femininas plangentes.

Apesar de estas encomendas terem sido documentadas no *Livro Geral* (2-3-1706 - 12-9-1718) da irmandade do Santíssimo, hoje em dia, o livro em questão encontra-se desaparecido. Vale-nos uma memória histórica da igreja, à guarda da Santa Casa da Misericórdia da Chamusca, que revela a data da encomenda a Laprade[29].

[29] Cf. Arquivo da Santa Casa da Misericórdia da Chamusca - *Memória histórica da Igreja da Misericórdia da Chamusca.* (texto policopiado). Esta informação consta do *Livro Geral de 2-3-1706 a 12-09-1718*, f. 4, documentação para a qual remete o *Inventário Geral da Irmandade do Santíssimo de 1868*, f. 29.



Figura 9. Cristo jacente. Capela-mor da igreja da Misericórdia da Chamusca. Foto da autora.

Sabe-se que estas imagens terão sido realizadas como complemento da obra de talha do altar-mor, executado também por um artista de Lisboa, de nome José Pessoa Nobre, com contrato assinado em 3 de fevereiro de 1733[30]. Até ao momento esta é a única obra documentada subsistente deste mestre entalhador, cuja biografia se limitava a referenciá-lo como o autor do desaparecido retábulo de Nossa Senhora da Soledade, sito na igreja do mosteiro de Santa Marta, em Lisboa, e datado de 1723. Os assentos de batismo de duas das suas filhas, Paula e Maria, e o seu registo como membro da irmandade de S. Miguel e Almas, da freguesia de Nossa Senhora das Mercês (Lisboa), completam as informações disponíveis sobre o artista.

Voltando à imagem de Cristo morto, esta é a mais expressiva do conjunto esculpido por Laprade. Representa o Salvador do mundo magro e exangue, visivelmente sangrando das feridas infligidas pela crucifixão, dor que se reflete na expressão dos olhos e no trejeito da boca, denunciadores de uma morte em dor e agonia prolongada.

Quanto às estátuas do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora da Soledade, apesar dos sucessivos repintes de que foram alvo, apresentam similitudes com as restantes obras documentadas de Laprade. A paternidade destas obras revela-se especialmente quando comparadas com aquelas que o autor esculpiu para a sé de Viseu, sobretudo com a de S. Pedro, ou ainda com os bustos relicários, pertença das coleções do Patriarcado de Lisboa.

[30] Segundo a transcrição deste contrato de obra, constante da *Memória Histórica da Igreja da Misericórdia da Chamusca*, o mestre José Pessoa Nobre era morador na rua do Sol. A madeira utilizada foi o pinho da Flandres e a obra foi orçada em setecentos mil réis. Sobre este mestre entalhador Cf. FERREIRA, Sílvia – *A talha barroca de Lisboa (1680-1720): os artistas e as obras.* Lisboa: [s.n], 2009. Tese de doutoramento em História (especialidade Arte, Património e Restauro) apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. vol. II, p. 524.

Para os anos de 1718 e 1719 é a documentação à guarda do Arquivo Municipal de Lisboa que permite traçar o rasto do artista na cidade e o seu envolvimento com obras custeadas pelo Senado da Câmara.

Em 1718, Claude Laprade é referenciado a pedir licença à Câmara de Lisboa para efetuar algumas obras na sua propriedade situada na rua dos Remolares, então paroquial de São Paulo[31]: "Dis Caldio de Laperade q*ue* elle he S*enh*or e Pussiodor de huma morada de cazas sittas na rua direjta dos Remolares e nellas quer fazer obras e meter sacadas e Bollir no aliserce (…)".

Este é um dado relevante, pois informa-nos do local de morada do artista ao tempo. No entanto, a destruição dos arquivos paroquiais da freguesia de São Paulo, pela ação do terramoto de 1755, é certamente um obstáculo ao enriquecimento de informação sobre a vida pessoal e social deste mestre. Assento de casamento do próprio, batizados das suas filhas, casamentos das mesmas e intervenção do escultor e família em atos de testemunho de casamentos ou batizados poderão ter ficado perdidos para sempre.

O próximo passo na carreira de Claude Laprade é-nos transmitido uma vez mais por documentação pertença do Arquivo Municipal de Lisboa. Destinadas à grande procissão de *Corpus Christi* de 1719 foram encomendadas diversas obras de escultura, entalhe, pintura e outras a vários artistas e artífices de Lisboa. Entre eles contava-se Claude Laprade, apontado como mestre escultor. O trabalho constava de arcos, estátuas e outras peças de caráter decorativo[32]. Este evento, que mobilizou toda a cidade de Lisboa, foi comissionado pela Câmara Municipal e a sua magnificência foi imortalizada pela pena de Inácio Barbosa de Machado, na sua obra emblemática *Historia critico-chronologica da instituiçam da festa, procissam e officio do Corpo Santissimo de Christo*[33].

Dois anos passados sobre a procissão de *Corpus Christi*, Claude Laprade e os seus colegas escultores, entalhadores e pintores protestam pela falta de pagamento por parte do Senado da Câmara de Lisboa, respeitante à obra executada para a procissão de *Corpus*. Segundo os queixosos, os seus róis de despesas não foram satisfeitos, razão pela qual, interpõem petição ao Senado da Câmara com vista a serem ressarcidos dos montantes em falta. Em vista da demora da resolução da querela entre artistas e Senado, em junho de 1721, D. João V (1689-1750) ordena uma nova avaliação por mestres dos ofícios respetivos, sob a supervisão do arquiteto Frederico Ludovice (1673-1752), responsável pelo planeamento da procissão e desenho dos aparatos efémeros[34].

[31] Arquivo Municipal de Lisboa (AML), *Livro de cordeamentos de 1710-1719*, f. 810 a 811v. (documento avulso).

[32] OLIVEIRA, Eduardo Freire de - *Elementos para a história do município de Lisboa.* Lisboa: Tipografia Universal, 1901. t. XI, p. 522, CARVALHO, Ayres de – Novas revelações (…). p. 45-46.

[33] MACHADO, Inácio Barbosa de - *Historia critico-chronologica da instituiçam da festa, procissam e officio do Corpo Santissimo de Christo.* Lisboa: Oficina Patriarcal de Luiz Ameno, 1759. Sobre a festa do Corpo de Deus de 1719 veja-se o recente artigo de RAGGI, Giuseppina - "A formosa maquina do Ceo e da terra": a procissão do *Corpus Domini* de 1719 e o papel dos arquitetos Filippo Juvarra e João Frederico Ludovice. *Cadernos do Arquivo Municipal.* Lisboa: Arquivo Municipal. 2ª Série Nº 1 (janeiro - junho 2014), p. 107-129.

[34] AML, *Livro 8º de consultas e decretos de D. João V do Senado Oriental*, f. 170-170v.

Segue-se a declaração de dois mestres escultores envolvidos na empreitada, elencando a obra feita:

> Domingos da Costa silua e Claudio Laprada mestres do offiçio de escultor Certificamos que nos fizemos os rématos e figuras pera os Porticos dos toldos do terrejro do Passo e rosio que tudo Emporta o seguinte:
>
> Seis figuras de dozes palmos cada hũa de gioelhos todas redondas com suas azas feitas por anbas as partes (…) Tres paineis de releuado (…) com hũa gloria de Anjos (…) e reuestidos de rayos (…) tres remates em forma de pedestais, dos frontespicios guarnecidos com molduras, quartelas e fastois[35].

Os mestres avaliadores da obra de escultura foram Manuel de Andrade, António da Costa e Domingos Afonso.

> Dizemos nos os Mestres, Manoel de Adrade, e Manoel Dias, e Antonio da Costa, e Domingos Affonço Valle, q*ue* nos somos noteficados (...) para effeito de medirmos, e avaliarmos, as obras que fizerão de seu officio de Escultura os Mestres Domingos da Costa e Sylva, e Claudio Laprada, e Manoel Machado (…) [f. 212] Que tudo afirmamos (…) se nos foi inposto e declarado pello Arquiteto João Federico Ludoviquo Segundo o decreto de Sua [f. 212v.] Mag*es*tade[36].

A decisão final estipulou que:

> Por Resolução de 14 de Junho do anno prezente (...) foy sua Mag*es*tade seruido ordenar se fizesse noua avalliação por louvados com asistençia do Architeto João Federico Lodovisse, Mostrando sse lhe os Róes dos Mesmos offeciães Com os seus abatimentos, e feita avaliação se fizesse prezente a v*oss*a Mag*es*tade (…) que fizerão prezente a vossa Magestade o excesso que hauia nos Róes porque pertendião serem pagos os Pintores dos Payneis, e da Columnas; os Escultores e entalhadores das obras que hauião feito para a fabrica dos Toldos da procissão de Corpos (…) ao qual se manefestarão os Róes, e abatimentos que se hauião feito, e reduzirão as importançias dos ditos Róes que os Artifiçes das refferidas obras hauião fabricado desordenadam*en*te Aos lemites da razão, (…) seja V*oss*a Mag*es*tade seruido mandar pagar a estes Artifiçes as importançias das suas obras, ficando de nenhum effeito os Róes porque pertenderão serem pagos (...) Lixboa oriental 30 de Agosto de 1721[37].

Assim se terá encerrado a contenda dos artistas com o Senado da Câmara, sendo-lhes pago um preço bastante mais baixo do que aquele que pretendiam.

Durante este tempo de interpelações e petições ao Senado da Câmara, no sentido de ser ressarcido dos gastos do seu ofício pela obra da Procissão de *Corpus*, Claude Laprade continuou a aceitar encomendas de obra e em 1720 é referenciado a executar as imagens de S. João Evangelista e Santa Maria Madalena. Estas eram destinadas à capela

[35] AML, *Livro 8º de consultas e decretos de D. João V do Senado Oriental,* f. 193.

[36] AML, *Livro 8º de consultas e decretos de D. João V do Senado Oriental,* f. 210-212v.

[37] AML, *Livro 8º de consultas e decretos de D. João V do Senado Oriental,* f. 170-170v.

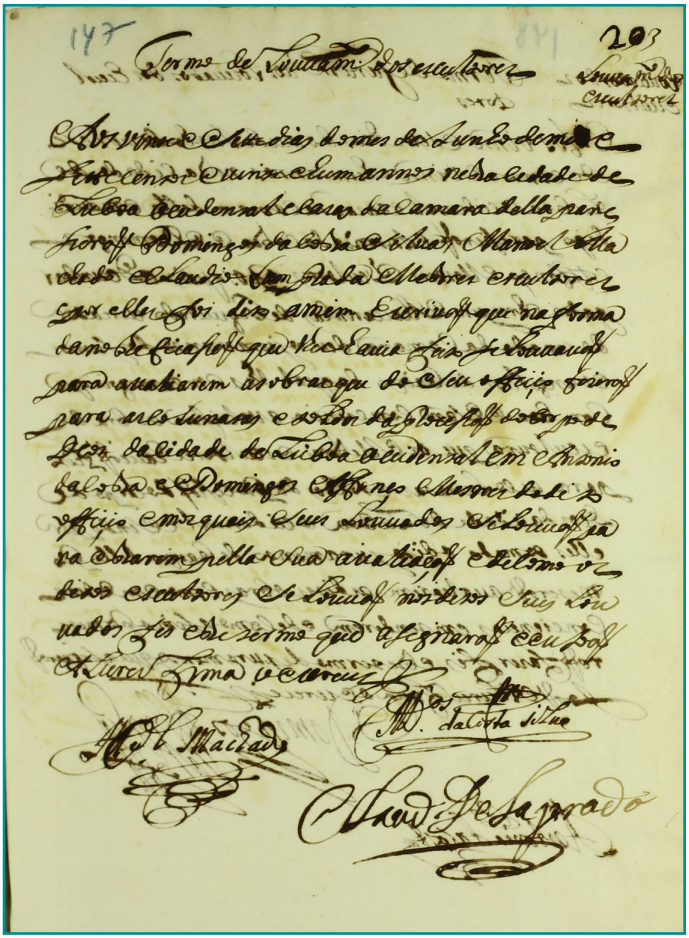


Figura 10. Assinatura de Claude Laprade. AML- *Livro 8º de Consultas e Decretos de D. João V do Senado Oriental*, f. 203.

dedicada ao Senhor dos Passos, situada junto ao altar-mor da igreja do mosteiro de S. Domingos, em Lisboa[38]. Deste altar e imagens nada mais resta do que as memórias escritas, já que a igreja e mosteiro dos Dominicanos, em Lisboa, sofreram graves estragos na sequência do cataclismo de 1 de novembro de 1755. Relevante nesta crónica de frei José da Natividade, para além da notícia de mais duas obras escultóricas de Claude Laprade, é o elogio que o mesmo tece à qualidade das obras do mestre, referindo-se ao mesmo como notável artista: (…) "polidissimas Imagens dos dous mais notaveis favorecidos da dilecção de Christo Senhor nosso, o amado Evangelista, e a fermoza Magdalena: São da grandeza mais elegante de hum corpo humano, e muito dignas de seu artifice, o insigne Estatuario Laperada (…)"[39].

[38] Cf. NATIVIDADE, José da - *Memoria historica da milagrosa imagem do Senhor dos Passos, sita no real convento de S. Domingos de Lisboa; e da creação e progresso da sua irmandade.* Lisboa: Oficina Alvarense, 1747. p. 42-43, citado por FERREIRA, Sílvia – *A talha barroca de Lisboa (1670-1720)* (…). vol. I, p. 137.

[39] NATIVIDADE, José da - *op. cit.,* p. 42-43.



Figura 11. S. João Batista. Retábulo colateral da sé de Viseu. Autor Claude Laprade. Foto de Alcina Silva.

Em 1723, e já resolvidas as questões com o Senado da Câmara, certamente conformando-se com o resultado final, Laprade é contratado pelo cabido da sé de Viseu para esculpir as estátuas de S. Pedro e S. João Batista[40]. As imagens destinavam-se aos altares colaterais da catedral como titulares das mesmas: S. Pedro, do lado da Epístola, e S. João Batista, do lado do Evangelho.

Apesar de, atualmente, a estátua de S. Pedro estar no altar para o qual foi concebida, encontra-se deslocada e colocada num pedestal na lateral do corpo do retábulo. Esta situação ocorreu devido a modificações na estrutura retabular introduzidas no século XIX, que inseriram um sacrário e uma cruz de grandes dimensões ao centro do altar.

Claude Laprade representou S. Pedro como uma figura imponente e carismática. Prova disso é a especial atenção concedida aos seus atributos ricamente trabalhados, como as vestes pontificais, a tiara e as luvas que, em conjunto com a pose imponente e assertiva, apresentam o primeiro bispo de Roma em majestade.

[40] ALVES, Alexandre - *Esculturas de Laprade na Diocese de Viseu.* Viseu: [s.n], 1976. Sep. Beira Alta, p. 461-471; Idem - *A sé catedral de Santa Maria de Viseu.* Viseu: Câmara Municipal: Santa Casa da Misericórdia de Viseu: Grupo de Amigos do Museu Grão Vasco, 1995.

No que respeita à imagem de S. João Batista, o profeta precursor de Cristo é representado como um adolescente, o seu corpo esguio parcialmente coberto por uma pele de cordeiro. Toda a técnica e sensibilidade artística de Claude Laprade transparecem na correção anatómica da imagem e na sua expressividade, nomeadamente na forma como esculpiu o seu corpo e as roupagens que o cobrem. Esta é uma escultura plena de movimentação e expressividade barrocas, tão caras ao gosto da época.

A última grande obra documentada de Claude Laprade refere-se à sua intervenção na conceção do retábulo-mor da sé do Porto e às quatro estátuas de madeira que executou para figurarem no mesmo.

Estava-se em 1726 e a sé do Porto encontrava-se em pleno afã de renovação artística. Um novo retábulo-mor afirmaria a sé como um edifício de vanguarda, plenamente atualizado e consequente com os novos tempos. Imbuído desse espírito, o cabido da catedral do Porto decide contratar dois afamados desenhadores e construtores de retábulos, a fim de gizarem uma moderna máquina retabular[41]. Depois de ter sabido que Frederico Ludovice seria uma escolha impossível, devido aos afazeres do arquiteto de Mafra[42], o representante do cabido da sé do Porto, André Vaz, concentra os seus esforços em contatar Claude Laprade e Santos Pacheco de Lima (1684-1768) – este último, o mestre do imponente retábulo-mor da antiga igreja do Santíssimo Sacramento dos Padres Paulistas, atual paroquial de Santa Catarina, em Lisboa[43].

Relativamente à planta e especificações propostas por Santos Pacheco, as quais acompanhavam o seu desenho proposto para o altar-mor da sé, estas últimas eram as seguintes: 1) Intenção de abrir fresta na cimalha para se poder comunicar luz às escadas que davam serventia ao trono; 2) Colocação no remate do retábulo de uma tarja ou cartela situada sob uma concha de grande dimensão; 3) Abertura de nichos para os santos, que seriam sobrepujados por duas grandes conchas; 4) Execução dos pedestais do retábulo em embutidos de mármore ou lisos[44].

Quanto à idealização de Claude Laprade, esta incluía: 1) Colocação de meios-corpos, provavelmente nas pilastras do retábulo; 2) As colunas seriam: "(...) a forma das duas colunas do meio é moderna, mas mais moderna a retorcida, as quais vem a sair para fora (...), recolhendo-se bastantemente para dentro na sua extremidade dos lados que vão a topar nas paredes das ilhargas (...) 3) O entablamento e o remate do retábulo tenderiam a projetar-se para fora, (...) ficando a obra no cimo das colunas e no remate muito mais sacada para fora do que em baixo, pelo pouco pé que há (...)"[45].

[41] BRANDÃO, Domingos Pinho de - *Obra de talha dourada, ensamblagem e pintura na cidade e na Diocese do Porto.* Porto: Diocese, 1986. vol. III, p. 27-35. As cartas de André Vaz sobre a obra do retábulo-mor da sé do Porto, tendo como destinatário o tesoureiro do Cabido da sé, cónego Domingos Barbosa, situam-se entre 14 de janeiro de 1726 e 15 de fevereiro do ano seguinte. Veja-se também FERREIRA-ALVES, Natália – *A escola de talha portuense e a sua influência no norte de Portugal.* Lisboa: Edições Inapa, 2001. p. 79, FERREIRA, Sílvia - *A igreja de Santa Catarina: a talha da capela-mor.* Lisboa: Livros Horizonte, 2008. p. 114-117.

[42] Cf. BRANDÃO, Domingos Pinho de - *op. cit.,* p. 30. Carta de 21 de setembro de 1726.

[43] Sobre este entalhador veja-se FERREIRA, Sílvia - *A igreja de Santa Catarina* (...).

[44] Cf. BRANDÃO, Domingos Pinho de - *op. cit.,* p. 33-34.

[45] Cf. Idem, *ibidem*, p. 35. Carta datada de 15 de fevereiro de 1727.

Esta descrição de André Vaz, em carta enviada ao Cabido da sé do Porto, elucida-nos sobre a feição que os dois artistas desejavam imprimir ao retábulo-mor em causa. Reconhece-se que a planta de Claude Laprade projetava um retábulo de maior complexidade estrutural e decorativa do que o idealizado por Santos Pacheco. De facto, o atual retábulo da sé do Porto apresenta essas características. Os autores que se debruçaram sobre esta questão com mais acuidade são da opinião que o retábulo-mor da catedral portuense resulta da escolha de vários elementos retirados das duas plantas apresentadas. No entanto, e dada a descrição feita por André Vaz, pensa-se que a planta gizada por Laprade terá sido a preferida e que a maior parte das suas especificações foi aprovada pelo Cabido. Domingos Pinho de Brandão refere que a planta escolhida terá sido a de Claude de Laprade, com algumas sugestões da de Santos Pacheco[46]. De forma semelhante, Natália Marinho Ferreira-Alves, coloca em dúvida a autoria do desenho do retábulo, sugerindo que, possivelmente, teriam sido escolhidos elementos das duas plantas encomendadas pelo Cabido da sé[47].

Para além do desenho do altar-mor, a Claude Laprade é ainda solicitado que execute quatro imagens de santos para figurarem nos nichos do referido altar. São eles São Benedito, São Bernardo, São Basílio e São João Nepomuceno[48]. Estas estátuas de Laprade não possuem a mesma qualidade escultórica das que executou para a catedral de Viseu. Falta-lhes a atenção aos detalhes, o cuidado, a vitalidade e a noção de movimento, como se o investimento pessoal nas mesmas fosse diminuto, qual produção em série para cumprir um compromisso no qual já não se sentia empenhado. Possivelmente serão obra oficinal com uma intervenção reduzida por parte do mestre.

A última referência ao trabalho artístico de Laprade é veiculada por Domingos Pinho Brandão, segundo informação de carta de André Vaz: "(…) As inquietações das obras de Mafra também chegam ao Laprada e ao seu oficial precisando-os a que vão para lá, mas dizem eles que não será a dilação muita, porque para o seu ofício pouco há lá que fazer (…)"[49].

Para o escultor Provençal, já na reta final da sua carreira, pouco ou nada haveria para fazer em Mafra, limitando-se possivelmente a modelar em barro os pequenos *putti* e outros elementos decorativos semelhantes, como aventou Ayres de Carvalho.

Claude Laprade vem a falecer em 1738, cerca de 8 anos depois da sua colaboração nas obras de Mafra. O seu testamento, até agora inédito[50], revela-nos alguns dados pessoais e profissionais interessantes, traçando a sua biografia nos últimos anos de vida:

[46] Cf. Idem, *ibidem*, p. 28.

[47] Cf. FERREIRA-ALVES, Natália - *A escola de talha portuense* (...). p. 79.

[48] BRANDÃO, Domingos Pinho de - *op. cit.,* p. 119-120. Carta datada de 14 de maio de 1729.

[49] Idem, *ibidem*, p. 120.

[50] Apesar de Ayres de Carvalho ter fornecido informações que constam deste documento, as mesmas nunca tinham sido autenticadas até agora com a referência exata às fontes.

Testamento de Claudio Laprada testamenteira sua molher Joanna Laprada moradora a Calcada de São Francisco

Em nome da Santissima Trindade Padre Filho Espirito Santo tres pessoas destintas hum só Deos verdadeiro, em quem eu Claudio Laprada verdadeiramente creyo e em cuja fée viuo, e espero morrer, e salvar me; porquanto me acho com muitos achaques não sabendo quando Deos Nosso Senhor será seruido leuar me para sy detreminey fazer este testamento (…) Declaro que sou casado com Joanna Laprada de cujo matrimonio tenho quatro filhas viuas por nomes Maria casada com Hieronimo Piarroyo, Margarida casada com Bartolomeu Baltaque Angella casada com Antonio Salva, e huma Donzella por nome Felicia que está em vesporas de tomar estado, as quais são minhas herdeiras forçadas (…) deixo por herdeira a dita minha molher para que fique senhora, e posuidora da minha terça, e de tudo o que por direito posso testar, e a despuzição da dita minha molher deixo o meu emterro, e sufrágios, por confiar muito della fará por minha Alma e que o meu amor lhe merece, e se dará de oferta ao meu Padre cura da freguesia onde eu falecer dous mil e quatrocentos reis, atendendo ás minhas poucas posses, por estar doente, emtreuado, e cego há muitos anos, e a dita minha molher nomeyo por minha testamenteira // E nesta forma hey por acabado este meu testamento que quero se cumpra como nelle se comthem por assim ser minha ultima vontade, e por estar sego, roguei ao Padre João da Silua Pereira morador na Rua dos Odreiros que este por mim fizece, e asinace (…)

Aprouaçam

Saybam quantos este Instromento de aprouacão virem que no Anno do Nacimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil setecentos trinta e outo, em vinte e dous dias do mes de Janeiro na cidade de Lisboa ocidental, a Calçada de São Francisco e cazas de morada de Claudio Laprada soldado aposentado da Guarda Real, estando elle ahy prezente sentado em hum tamborete, cego, e emtreuado, mas em seu juízo perfeito, e por elle das suas maos as de mim tabaliam em presença das testemunhas ao diante nomeadas me foy dado o testamento antecedente escrito (…)

Abertura

Bernardino do Couto cura nesta parrochial de São Julião certefico que eu abri este testamento com que /fl. 109/ falleceo Claudio Laprada, o qual estaua cozido e lacrado com sinco pingos de lacre por banda feito por João Rodrigues Pereira a rogo do dito testador, e aprouado pello Tabaliam João do Rego Meyrelles escrito em quatro laudas de papel em que entra aprovação, e assinatura das testemunhas sem entrelynha vicio ou outra couza que ouvida possa fazer em fée do que pasey a prezente Lisboa ocidental vinte e outo de Março de mil setecentos trinta e outo // o cura Bernardino do Couto // E não dizia mais o dito testamento sua aprovação e abertura que aqui registei e comcertei com o próprio, e com o escriuão abaixo asinado que me foy prezentado por Joam Guerreiro que de como o recebeo asinou comigo Lisboa ocidental 26 de Junho de 1738 e eu Joze Francisco dos Santos escriuão do Registo Geral dos Testamentos por Portaria do Regedor das Juntas no empedimento de Antonio Joze de Andrade o escreuy e asiney

Comcertado por mim escriuão

João Guerreyro Joze Francisco dos Santos

Antonio de Queyroz Carneiro[51].

Estabelece-se assim com este documento a data exata da morte de Claude Laprade, 28 de Março de 1738, na sua casa à calçada de S. Francisco. Ficamos a saber que ao tempo tinha quatro filhas "(…) viuas por nomes Maria casada com Hieronimo Piarroyo, Margarida casada com Bartolomeu Baltaque Angella casada com Antonio Salva, e huma Donzella por nome Felicia (…)". Estes genros de Laprade, que Ayres de Carvalho identifica como sendo genoveses e florentinos, através dos assentos de batismo dos seus filhos, provam a forte ligação do mestre à comunidade italiana residente em Lisboa[52].

4. AS OBRAS ATRIBUÍDAS

Claude Laprade, como famoso estatuário da corte de Lisboa, terá tido uma atividade profícua que, como é óbvio, não se esgota nas obras documentadas. Por esse facto, algumas peças escultóricas têm vindo a ser-lhe atribuídas com maior ou menor coerência científica.

Assinalamos aqui algumas daquelas que, pela sua conjuntura histórica e coordenadas estilísticas, se apresentam como hipóteses, em nossa opinião, viáveis.

- Imagem de Nossa Senhora da Conceição da igreja de Nossa Senhora da Pena, em Lisboa. Segundo Cyrillo Volkmar Machado: "Pelos mesmos tempos estiveram em Lisboa Claudio la Prada, e João Bernardes Escorpio, Italianos: o 1.º fez a Conceição da Pena, e o 2.º o Santo Elias do Carmo[53]. Esta atribuição afigura-se consistente, quer pela possível datação e qualidade e traços escultóricos da imagem, quer pelo facto de Claude Laprade ter trabalhado na igreja de Nossa Senhora da Pena entre os anos de 1714-15 na obra do retábulo-mor.

- Um altar da Igreja de S. Paulo. Segundo as cartas remetidas pelo procurador do Cabido da sé do Porto, aquando das suas diligências para contactar Claude Laprade, o mesmo refere que o mestre andaria ocupado com uma obra de

[51] ANTT, Registo Geral de Testamentos, *Livro 215*, f. 108-109. Interessante no seu testamento é a referência direta ao cargo que teve como soldado da Casa Real. A mesma indicação tinha já sido dada pelo procurador do Cabido da sé do Porto na carta de 8 de fevereiro de 1727, na qual refere que, procurando Laprade em sua casa não o encontrou, pois o escultor tinha "saído na guarda da Senhora Rainha à oração". Cf. BRANDÃO, Domingos Pinho de – *op. cit.*, p. 34.

[52] Agradecemos à Doutora Nunziatella Allesandrini os esforços desenvolvidos no Arquivo Paroquial da Igreja do Loreto na tentativa de localizar o livro de batizados correspondente. No entanto, o referido livro terá sido desviado do arquivo pois, atualmente, os registos de batismo começam em 1749.

[53] MACHADO, Cyrillo Volkmar - *Colecção de memorias, relativas ás vidas dos pintores, e esculptores, architectos, e gravadores portugueses, e dos estrangeiros que estiverão em Portugal.* Lisboa: Imprensa de Victorino Rodrigues da Silva, 1823. p. 253.

retábulo da igreja matriz de S. Paulo, que segundo testemunho visual do próprio André Vaz integraria as famosas cariátides ("metas", na expressão do procurador)[54]. Esta obra terá desaparecido com a ação do terramoto de 1 de novembro de 1755, que derrubou a referida igreja.

- Imagem de Nossa Senhora da Glória do retábulo da invocação homónima na sé de Santarém. Segundo Ayres de Carvalho, esta estátua replica aquela que o escultor executou em finais de Seiscentos para a fachada da capela da Vista Alegre, em Ílhavo[55].

Tendo tido oportunidade de observar de perto a escultura, aquando da intervenção de conservação e restauro de que foi alvo recentemente, podemos constatar que esta não é uma atribuição carecida de fundamento. De facto, a imagem da Senhora apresenta algumas características da obra escultórica de figuras femininas de Laprade. A modelação das mãos, cabelos e rosto remetem para as figuras pétreas e para a Nossa Senhora da Soledade da Igreja da Misericórdia da Chamusca.

BREVES CONCLUSÕES

Apesar de Claude Laprade permanecer, aos olhos da historiografia de arte portuguesa, uma figura controversa, não só quanto à sua vida pessoal, mas também quanto às suas obras de arte, recheadas umas e outras de verdadeiras contradições, é, contudo, no seu labor artístico que podemos encontrar respostas para o papel que desempenhou na arte do seu tempo.

O seu percurso profissional ainda mal conhecido, principalmente no que se refere à formação artística e contactos pessoais e profissionais que o trouxeram de Provença até Portugal, vai-se desvelando lentamente graças às pesquisas levadas a cabo pelos investigadores que ao longo do tempo se têm debruçado sobre a sua obra. Se as suas origens e anos iniciais de vida continuam envoltos em mistério, a obra que produziu, contudo, remanesce e será provavelmente com ela que será legítima a atual construção de uma biografia do escultor.

Segundo a documentação disponível, Laprade terá iniciado a sua carreira em Portugal essencialmente como escultor pétreo. No entanto, regressado a Lisboa, as solicitações ter-se-ão resumido a encomendas de obra em madeira, quer fossem retábulos, quer obras de imaginária. Adequando-se rapidamente ao gosto do mercado português, o escultor provençal terá começado a trabalhar para uma clientela exigente e conhecedora, ancorada numa efetiva tradição nacional de escultura lígnea.

[54] Cf. BRANDÃO, Domingos Pinho de – *op. cit.*, p. 31.

[55] Cf. CARVALHO, Ayres de – *D. João V e a arte do seu tempo.* Lisboa: Edição do Autor, 1962. vol. II, p. 234.



Figura 12. Nossa Senhora da Glória. Altar de Nossa Senhora da Glória. Sé de Santarém. Atribuída a Claude Laprade. Foto da autora

Laprade afirmou-se no panorama escultórico português em madeira como um dos mais solicitados e profícuos mestres do seu tempo. As crónicas coevas apresentam-no como um artista conceituado e requisitado, facto constatável também nos preços pelos quais se fazia pagar. A sua obra estendeu-se desde o Porto até Aveiro, passando por Viseu, Coimbra, Lisboa e Ribatejo.

A marca que no seu tempo imprimiu nas obras que realizou e o contributo que deu para a europeização da arte portuguesa torna-se visível, quer na produção escultórica e de entalhe sua contemporânea, quer nas obras que lhe sobrevieram. A assimilação das duas heranças culturais, a provençal e a portuguesa, foram determinantes para a feição estética impressa no seu trabalho. É inegável que o vocabulário barroco provençal italianizado contribuiu em muito para a evolução dos modelos retabulares, principalmente da escola de talha de Lisboa. Os seus famosos atlantes tornaram-se modelares e foram mimetizados em muitos dos retábulos executados na capital, mas não só. Estes modelos Lapradianos foram "exportados" com êxito, primeiro para o altar-mor da sé do Porto que, com o seu estatuto de obra "ao moderno", se dispôs a ser modelo a imitar.

Para além do reconhecido mérito como escultor, sabemos igualmente que o seu talento como idealizador e debuxador de retábulos foi uma realidade. Comprovam-no as cartas dirigidas de Lisboa por André Vaz ao Cabido da sé do Porto.

Claude Laprade, numa primeira fase da sua carreira, ajudou a introduzir em Portugal os modelos estruturais e decorativos que tão bem conhecia e usava nas suas obras. O retorno que a arte portuguesa lhe deu foi, igualmente, generoso. A longa tradição portuguesa da arte da escultura em madeira, quer fosse de imagens de santos e santas, quer fosse de altares com os seus motivos arquitetónicos, decorativos e escultóricos, permitiu-lhe o contacto direto e a absorção dos mesmos. De posse desse conhecimento, que o treino visual e a técnica apuraram, o artista pôde lançar-se na criação de novos modelos e no aperfeiçoamento contínuo da sua "marca" pessoal. No auge da sua carreira, a marca Laprade exaltava a perfeita simbiose entre o sentir e o sentido estético da arte sacra provençal e portuguesa.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes Manuscritas

Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa.

Convento dos Agostinhos da Graça, *Livro do Recibo e Gasto do Santuario da Sancristia de Nossa Senhora da Graça*.

Arquivo Municipal de Lisboa

Livro de cordeamentos de 1710-1719 (doc. avulso).
Livro 8º de consultas e decretos de D. João V, do Senado Oriental.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Registo Geral de Testamentos, *L. 215.*
Memorias Paroquiais de 1758- freguesia de Ílhavo, vol. 18. Memória n.º 17. Manuscrito de João Martins dos Santos.
Câmara Eclesiástica de Lisboa. Sumários Matrimoniais, *maço 1.*

Arquivo da Santa Casa da Misericórdia da Chamusca

Memória Histórica da Igreja da Misericórdia da Chamusca. Chamusca (texto policopiado).

Arquivo da Universidade de Coimbra

Livro de Notas do Tabelião Pantaleão Cordeiro de 16 de Junho de 1699 a 2 de Fevereiro de 1700.

Bibliothèque Municipale d´Avignon: Livrée Ceccano

Descrição do túmulo do Abade Simiane de La Coste por Esprit Calvet. *Miscelânea de documentos do século XVIII. Manuscrito n.º 2348.*

Estudos

ALMEIDA, Fortunato de - *História da Igreja em Portugal.* Porto: Portucalense Editora, 1967. vol. II, p. 644.

ALVES, Alexandre - *Esculturas de Laprade na Diocese de Viseu.* Viseu: [s.n], 1976. Sep. Beira Alta, p. 461-471.

ALVES, Alexandre - *A sé catedral de Santa Maria de Viseu.* Viseu: Câmara Municipal: Santa Casa da Misericórdia de Viseu [etc.], 1995.

AUQUIER, Philippe - *Pierre Puget.* Paris: H. Laurens, 1904.

BARJAVEL, Casimir-François - *Dictionnaire historique, biographique et bibliographique du département de Vaucluse.* Carpentras: Imprimerie de L. Devillario, 1841. tomo I , p. 184-190.

BARBOSA, D. José - *Memórias do Collegio Real de S. Paulo da Universidade de Coimbra e dos seus collegiaes e porcionistas.* Lisboa: Officina de António José da Sylva, 1727.

BEIRÃO, Caetano - O túmulo de D. Manuel de Moura Manuel na Vista Alegre. *Revista de Arqueologia.* Lisboa: Imprensa Moderna.Vol. III (1936), p. 24-25.

BAUMANN, Émile - *Pierre Puget, sculpteur.* Paris: Les Editions de l'Ecole, 1949.

BÉRUTTI, André – Les Portes de la "basse ville". In MEYRUCIS, Jean-Paul; BÉRUIT, André (coord.) - *Toulon et son patrimoine: portes et façades, corderie et front de mer.* Gémenos: Autres Temps-Académie du Var, 2008.

BOURGUET-VIC, Monique – Les atlantes de Puget. In MEYRUCIS, Jean-Paul; BÉRUIT, André (coord.) - *Toulon et son patrimoine: portes et façades, corderie et front de mer.* Gémenos: Autres Temps-Académie du Var, 2008.

BRANDÃO, Domingos de Pinho - *Obra de talha dourada, ensamblagem e pintura na cidade e na Diocese do Porto.* Porto: Diocese, 1985. tomo II.

BRETON, Alain - À Saint-Martial: deux oeuvres baroques méconnues: le tombeau de l'abbé de Lacoste: les bâtiments modernes de Saint-Martial. *Annuaire de la Société des Amis du Palais des Papes.* Avignon: [s.n]. N.º 71-72 (1984-1985), p. 67-85.

CARVALHO, A. Ayres de - Desvenda-se o misterioso artista Claude de Laprade. *Diário de Lisboa.* Lisboa: [s.n]. (07.04.1957), p. 13.

CARVALHO, A. Ayres de - *D. João V e a arte do seu tempo.* Lisboa: Edição do Autor, 1962. vol. II.

CARVALHO, A. Ayres de - Novas revelações para a história do Barroco em Portugal. II - O mestre das grandiosas máquinas douradas da Lisboa Setecentista: o artista Claude de Laprade (1682-1738). *Belas-Artes.* Lisboa: [s.n]. 2ª Série Nº 20 (1964), p. 29-65.

CARVALHO, Maria do Rosário Salema de - Gabriel del Barco: la influencia de un pintor español en la azulejería portuguesa (1669-1701). *Archivo Español de Arte.* Madrid: [s.n]. LXXXIV 335 (2011), p. 227-244.

CORREIA, Vergílio - Artistas italianos em Portugal. *Biblos.* Coimbra: Coimbra Editora. Vol. VIII (1932), p. 119-134.

CORREIA, Virgílio – *Obras.* Coimbra: Universidade, 1946. vol. I.

FERREIRA, Sílvia - *A igreja de Santa Catarina: a talha da capela-mor.* Lisboa: Livros Horizonte, 2008.

FERREIRA, Sílvia – *A talha barroca de Lisboa (1680-1720): os artistas e as obras.* Lisboa: Universidade, 2009. Tese de doutoramento em História (especialidade Arte, Património e Restauro) apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

FERREIRA-ALVES, Natália – *A escola de talha portuense e a sua influência no norte de Portugal.* Lisboa: Edições Inapa, 2001.

GIRARD, Joseph – *Évocation du vieil Avignon.* Paris: Les Éditions de Minuit, 1958.

GUIGUE, Julien – *L'église de l´Isle-sur-Sorgue.* Avignon: Impremerie Ruillière Frères, 1944.

GUIMARÃES, Carlos Alberto - *Tribuna da capela-mor da igreja da Pena: documentos para a sua história.* Lisboa: Edições Documenta: 1968.

HERDING, Klaus – Puget sculpteur, Puget dessinateur. In VIAL, Marie Paule (coord.) – *Pierre Puget peintre sculpteur architecte (1620-1694).* Marseille: Musées de Marseille/Réunion des Musées Nationaux, 1995.

LAURENT, Stéphane - Pierre Puget, une unité de l'art "obligée" à l'âge classique. *Revista de História da Arte e Arqueologia.* São Paulo: [s.n]. N.º 9 (2008-2009), p. 51-68.

LOPES, José Maria da Silva - *Claude de Laprade e o túmulo da Vista Alegre.* Lisboa: Universidade de Lisboa, 2001. Mestrado em Teorias da Arte apresentado à Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

MACHADO, Cyrillo Volkmar - *Colecção de memorias, relativas ás vidas dos pintores, e esculptores, architectos, e gravadores portugueses, e dos estrangeiros que estiverão em Portugal.* Lisboa: Imprensa de Victorino Rodrigues da Silva, 1823.

MACHADO, Inácio Barbosa de - *Historia critico-chronologica da instituiçam da festa, procissam e officio do Corpo Santissimo de Christo.* Lisboa: Oficina Patriarcal de Luiz Ameno, 1759.

MARCEL, Adrien - Les Péru: sculpteurs et architectes d´Avignon. *Mémoires de l´Academie de Vauclusse.* Avignon: [s.n]. 2.ª Série Vol. XVIII (1928-1929), p. 1-157.

MECO, José - O pintor de azulejos Gabriel del Barco. *História e Sociedade.* Lisboa: [s.n]. N.º 6 (1979), p. 58-67.

NATIVIDADE, José da - *Memoria historica da milagrosa imagem do Senhor dos Passos, sita no real convento de S. Domingos de Lisboa; e da creação e progresso da sua irmandade.* Lisboa: Oficina Alvarense, 1747.

OLIVEIRA, Eduardo Freire de - *Elementos para a história do município de Lisboa.* Lisboa: Tipografia Universal, 1901. T. XI.

POZZO, Andrea - *Perspectiva pictorum et architectorum.* Roma: Antonio di Rossi, 1737-41.

RAGGI, Giuseppina - "A formosa maquina do Ceo e da terra": a procissão do *Corpus Domini* de 1719 e o papel dos arquitetos Filippo Juvarra e João Frederico Ludovice. *Cadernos do Arquivo Municipal.* Lisboa: Arquivo Municipal. 2ª Série Nº 1 (janeiro - junho 2014), p. 107-129.

REQUIN, l'Abbé Henri - *Jacques Bernus: sa vie, son oeuvre. 1650-1728.* Vaucluse: Séguin Frères, 1855.

SMITH, Robert - Early works of Claude Laprade and the style Louis XIV. *Gazette des Beaux-Arts.* Paris: [s.n]. Nº XLIV (1954), p. 163-190.

VALE, Teresa Leonor M. - A figuração do indivíduo na tumulária portuguesa do Maneirismo e do Barroco (séculos XVI-XVIII). *Artis - Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa.* Lisboa: [s.n]. Nº 4 (2005), p. 271-291.

VALE, Teresa Leonor M. - A tumulária régia da igreja do Mosteiro de Santa Maria de Belém e a tumulária da Capela dos Castros do convento de S. Domingos de Benfica: uma análise paralela. *Lusíada. Arqueologia, história da arte e património.* Lisboa. Série 1 Nº 1 (2001), p. 113-129.

VALE, Teresa Leonor M. - *Escultura italiana em Portugal no século XVII.* Lisboa: Caleidoscópio, 2004.

XAVIER, Pedro Amaral - *A iconografia funerária no Barroco e o túmulo do bispo de Miranda na capela da Vista Alegre.* Lisboa: Universidade de Lisboa, 1990. Dissertação de mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

XAVIER, Pedro Amaral - *A morte: símbolos e alegorias.* Lisboa: Livros Horizonte, 2001.

XAVIER, Pedro Amaral - O bispo de Miranda e a vinda de Claude de Laprade para Portugal: subsídios para o estudo da igreja e mecenato artístico no Barroco. III - A capela da Vista Alegre e o túmulo do bispo. *Brotéria.* Lisboa: [s.n]. Vol. 160 Nº 5/6 (Maio/Junho 2005), p. 463-487.

Internet:

VAUCLUSE. Archives Départementales - *Registres paroissiaux et d´état civil* [Em linha]. Vaucluse: AD, [200-]. [Consult. 29.01.2015]. Disponível na internet: http://e-archives.vaucluse.fr/

AVIGNON. Archives Municipales - *Registres paroissiaux* [Em linha]. Avignon: AM, [200-]. [Consult. 12.01.2015]. Disponível na internet: http://archives.avignon.fr/.